

QUANTIFICADORES ADVERBIAIS EM ASURINI DO TROCARÁ, TUPINAMBÁ E GUARANI MBYÁ (FAMÍLIA TUPI-GUARANI)

ADVERBIAL QUANTIFIERS IN TROCARÁ ASURINI, TUPINAMBÁ AND MBYA GUARANI (TUPI-GUARANI LANGUAGES)

Marcia Maria Damaso Vieira¹

RESUMO

A quantificação é um tema de investigação ainda pouco explorado entre as línguas da família Tupi-Guarani. Vieira (1995) foi uma das primeiras investigadoras a realizar uma análise preliminar sobre os tipos de quantificadores empregados em uma língua desse grupo linguístico: o Asurini do Trocará². Já se vai mais de vinte e cinco anos desde essa publicação e até hoje ainda não surgiu nenhum outro estudo sobre a expressão da quantificação nessas línguas. O nosso objetivo neste artigo é bastante simples: resgatar a pesquisa inicial de Vieira³, trazendo-a como ponto de partida para a realização de um estudo comparativo entre o Asurini e outras duas línguas geneticamente relacionadas: o Tupinambá e o Guarani Mbyá. Para fins da descrição dos termos quantificacionais encontrados nessas línguas, fazemos uso da distinção sugerida por Partee *et al.* (1987) entre dois tipos de quantificação: D(eterminante) e A(dverbial). A quantificação-D se refere aos elementos determinantes, ao passo que a quantificação-A engloba elementos de categorias sintáticas variadas, como: advérbios, verbos auxiliares e afixos verbais e nominais, dentre outros. Mostramos aqui, assim como já o fez Vieira (1995), que as línguas da família Tupi-Guarani sob investigação empregam somente quantificadores-A para expressar noções de cardinalidade e de quantificação universal. Esses quantificadores exibem escopo não-seletivo, podendo operar não só sobre predicados (eventos), mas também sobre NPs (indivíduos). Uma característica interessante dos quantificadores-A que expressam cardinalidade é a sua indeterminação categorial que permite que se realizem ora como advérbios ora como verbos. Essa mudança de categoria pode ser explicada pela Morfologia Distribuída (MARANTZ, 1997; SIDDIQ, 2009) que sugere que as classes das palavras são derivadas sintaticamente pela junção de raízes lexicais com núcleos funcionais específicos. Além de palavras independentes, os sufixos nominais e verbais são utilizados para expressar o indefinido “muitos” e o quantificador universal “todos”. Estes sufixos também são operadores não-seletivos que podem ligar qualquer variável disponível sob o seu escopo, como os argumentos absolutivos e o evento verbal. Vê-se, então, que noções quantificacionais importantes são codificadas nas línguas da família Tupi-Guarani por meio de quantificadores-A –advérbios, verbos e sufixos-, em detrimento de quantificadores-D.

PALAVRAS-CHAVE: Família Tupi-Guarani. Quantificação. Quantificadores adverbiais. Afixos verbais. Indeterminação categorial.

ABSTRACT

Quantification is a research area still under-studied among Tupi-Guarani languages. Vieira (1995) was one of the first investigators to make a preliminary analysis of the quantifier types employed by Asurini do Trocará. More than twenty-five years have passed since that publication but until now no other study of the expression of quantification notions in this linguistic group has come up. Our aim in this paper is very simple: to rescue

¹ Museu Nacional / Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), valdirgabriel@gmail.com; marciavieira@mn.ufrj.br.

² Este estudo se desenvolveu a partir de uma pesquisa encabeçada por Eloise Jelinek sobre a expressão da quantificação nas línguas salishe, entre os anos de 1991 e 1992.

³ Doravante, Asurini.

Vieira's initial research⁴, by bringing it as a starting-point to carry out a comparative description with two other genetically related languages: Tupinambá and Guarani Mbyá. For the description of the quantifiers employed by these languages, we make use of the distinction suggested by Partee et alii (1987) between two types of quantification: D(eterminer) and A(dverbial). D-quantification refers to determiner-like elements while A-quantification includes not only adverbs but also auxiliary verbs and verbal affixes, among other categories. As was already pointed out by Vieira (1995), we show here that Tupi-Guarani languages make use of adverbial quantifiers to express cardinality and universal quantification notions. These A-quantifiers are non-selective and can have scope not only over the predicate but also over NPs. An interesting property of these quantifiers is their categorial indeterminacy, as they can be realized either as adverbs or as verbs. This categorial change can be explained by Distributed Morphology (MARANTZ, 1997; SIDDIQ, 2009) which suggests that the word categories are syntactically derived by the merger of lexical roots with specific functional morphemes. Besides independent words, nominal and verbal suffixes can also be employed to express notions like “many” and “all”. These suffixes also act as non-selective quantifiers which can bind any variable under their scopes. As one can see, in these Tupi-Guarani languages, important quantification notions are expressed through A-quantifiers-adverbs, verbs and verbal suffix-rather than through D-quantifiers.

KEYWORDS: Tupi-Guarani languages. Quantification. Adverbial quantifiers. Verbal affixes. Categorial indeterminacy.

Introdução

A investigação sobre os tipos de expressões quantitativas empregados pelas línguas da família Tupi-Guarani ainda se encontra em seus passos iniciais. Nesta apresentação, temos como objetivo principal descrever os meios adotados por três dessas línguas- Asurini do Trocará, Tupinambá e Guarani Mbyá⁵- para codificar as noções de cardinalidade (numerais e indefinidos) e de quantificação universal (“todo/todos”)⁶.

Para realizar tal estudo, tomamos como base a proposta de Partee *et al.* (1987) segundo a qual existem dois meios morfossintáticos para expressar noções de quantificação: Determinantes (quantificadores-D) e Adverbiais (quantificadores-A). Os quantificadores-D englobam a classe dos determinantes, como “cada”, “muitos”, “alguns”, e têm escopo sobre NPs em posições específicas. Os quantificadores-A formam uma classe heterogênea que abrange advérbios, verbos auxiliares e afixos verbais ou nominais, dentre outras categorias. O escopo de tais quantificadores é não-seletivo e pode afetar a interpretação do verbo ou dos outros constituintes oracionais, como a dos NPs.

O livro *Quantification in Natural Languages* (BACH *et al.*, 1995), que nos serviu de modelo para o presente relato, reúne os resultados de diferentes pesquisas realizadas sobre os processos

⁴ This study was developed from a research on the expression of quantification in Salish languages, headed by Eloise Jelinek, between the years of 1991 and 1992.

⁵ Os dados da língua Asurini do Trocará foram extraídos de fontes secundárias devidamente identificadas ao longo do texto. Alguns desses dados também foram coletados em trabalho de pesquisa de campo, realizado em 1986, na aldeia Trocará, localizada ao sul do estado do Pará.

Os exemplos do Tupinambá, língua já extinta, são todos oriundos do livro “Curso de Tupi Antigo”, publicado pelo P^o Lemos Barbosa em 1956.

A maioria dos dados do Guarani Mbyá apresentados neste texto foi coletada pela autora junto aos falantes nativos da aldeia Boa Vista, localizada em Ubatuba, no litoral norte do estado de São Paulo, entre os anos de 1995 e 2000.

⁶ Nenhum dos dados aqui apresentados foram coletados especificamente para a investigação da expressão da quantificação nessas três línguas da família Tupi-Guarani.

formais e as manifestações lexicais utilizadas na quantificação inter-linguisticamente. Nesse volume, fica constatado que há diferenças entre as línguas e entre construções em uma mesma língua no que tange os meios utilizados para expressar a quantificação. Em Vieira (1995), por exemplo, foi sugerido que o Asurini do Trocará só possuía quantificadores-A para quantificar sobre os NPs.

Este artigo é, então, um retorno a esse estudo inicial de Vieira sobre a expressão da quantificação em Asurini, incluindo, porém, dados de outras duas línguas geneticamente relacionadas para fins comparativos.

Com base no material lingüístico investigado e em conformidade com os achados de Vieira para o Asurini, mostramos aqui que as noções de cardinalidade e de quantificação universal são expressas apenas através de quantificadores adverbiais (quantificação-A), em detrimento dos quantificadores determinantes (quantificação-D). As expressões de cardinalidade, como os números e o indefinido “muitos”, podem ser realizadas ora como advérbios ora como verbos. Essa indeterminação categorial pode ser explicada pela Morfologia Distribuída segundo a qual as palavras são formadas sintaticamente pela concatenação de raízes lexicais acategoriais com morfemas categorizadores. Raízes cuja semântica exprime “quantidade” podem ser manifestadas por categorias lexicais diferentes de acordo com o contexto funcional em que são inseridas.

O quantificador universal “todos” também tem natureza adverbial e é realizado de dois modos: como morfemas independentes ou como sufixos verbais.

Apesar de este artigo apresentar como objetivo principal uma descrição mais detalhada sobre o comportamento de certos tipos de quantificadores nas línguas investigadas, também levanta questões de natureza teórica, tais como: (i) a universalidade dos tipos de quantificação; (ii) a possível correlação entre ausência de quantificação-D e alguma propriedade paramétrica da língua; (iii) a indeterminação categorial das raízes lexicais; e (iv) a associação entre as possibilidades de escopo do quantificador lexical e a derivação da estrutura argumental dos predicados.

Passamos agora para uma breve exposição sobre a expressão da quantificação nas línguas naturais.

1. Quantificando nas línguas naturais

Todas as línguas naturais possuem meios para codificar diversas noções quantificacionais. As expressões quantificadoras empregadas podem ser de naturezas gramaticais distintas, conforme apresentamos a seguir.

1.1. Os tipos de quantificação

Partee *et al.* (1987) fazem uma distinção entre dois tipos de quantificação: D(eterminante) e A(dverbial). A quantificação-D está associada ao emprego de elementos determinantes que formam um NP com os nomes sobre os quais quantificam. A quantificação-A faz uso de categorias sintáticas diversas, como advérbios, verbos (auxiliares) e afixos, dentre outras. Esses quantificadores formam um

constituente com alguma projeção de V. Em geral, a quantificação-D recai sobre indivíduos, ao passo que a quantificação-A recai sobre eventos: Nos exemplos (1) e (2), verifica-se os dois tipos de quantificação:

Quantificador-D

- (1) *He likes **every** vegetable he tries* (JELINEK, 1995, p. 511)

Quantificador-A

- (2) *Vegetables are **always** good for you* (JELINEK, 1995, p. 511)

Embora a quantificação-D seja restrita a NPs e a quantificação-A abrange várias projeções de V, é possível encontrar línguas em que este último tipo também é empregado para quantificar NPs.

Conforme observa Partee (1995), a quantificação-A pode ainda ser dividida em sintática e lexical. No primeiro caso, é expressa por morfemas independentes, como em (2), e no segundo caso, é realizada por meio de afixos na morfologia verbal ou nominal. Em (3) e (4), é possível observar o emprego dos dois tipos de quantificação-A. Em ambos os casos, o escopo dos quantificadores recai sobre indivíduos. Em (3), “todos” é um advérbio que quantifica sobre o sujeito da construção. Em (4), “alguma” é um prefixo verbal com escopo sobre o objeto direto⁷:

Quantificador-A sintático

Asurini do Trocará

- (3) ***aoseo**ho sekwehe i-tow-i **noa***
 todos EVID 3-deitar-II homens
 ‘**Todos os homens** deitaram’ (VIEIRA, 1995, p. 706)

Quantificador-A lexical

Warlpiri

- (4) ***Ngapa** o-ju **puta-nga-nja***
 Água AUX-1SG alguma-beber-IMP
 ‘Beba **alguma da minha água**’ (PARTEE, 1995, p. 517)

Na quantificação-A do tipo lexical, os afixos funcionam como operadores internos à palavra, podendo afetar a interpretação do verbo e dos seus argumentos. Diferentemente dos quantificadores-D cujo escopo recai exclusivamente sobre os núcleos dos NPs, os quantificadores-A apresentam escopo não-seletivo, podendo gerar ambiguidade. No exemplo (5), observa-se a presença do prefixo verbal *djal*, “apenas”, em contexto de ambiguidade. O escopo de “apenas” pode recair sobre o evento, (5a), ou sobre cada um dos argumentos verbais, (5b-5d):

⁷ Lista de abreviações usadas no texto: APL=aplicativo; AUX=auxiliar; CAUS= causativo; COL=coletivo; DEP= dependente; DES= desiderativo; EVID= evidencial; FUT= futuro; II= Indicativo II; IMP= imperativo; INTER= interrogativo; MOD= modal; NEG= negativo; NOMLZ= nominalizador; NPST= não passado; PL= plural; PRS= presente; REFL= reflexivo; REL= relacional; SG=singular.

Quantificador-A lexical

Malayi

- (5) *Gabi-djal-ganj-wo-n*
 3/3NP-*apenas*-carne-dar-NP
 (a) Ela está **apenas dando** carne a ele?
 (b) **Apenas ela** dá carne a ele?
 (c) Ela dá a ele **apenas carne**.
 (d) Ela dá carne **apenas a ele** (EVANS, 1995, p. 252)

Além de advérbios e afixos verbais, os quantificadores-A podem ainda ser realizados em função verbal, conforme se verifica no exemplo da língua Lakhota, em (6):

Lakhota

- (6) *Uhsakpe pi.*
 1PL=six PL
 ‘There are six of us’ (FALTZ, 1995, p. 291)

Em Bach *et al.* (1995), são discutidas ainda outras questões referentes à quantificação, tais como: a universalidade dos tipos de quantificação e a associação entre esses tipos e as propriedades tipológicas das línguas. Os resultados das pesquisas retratadas nesse volume mostraram que nem todas as línguas possuem quantificadores-D. Contudo, a quantificação-A parece estar presente na maioria das línguas investigadas.

Qual seria, então, a correlação entre a ausência de quantificadores-D e as propriedades paramétricas de uma língua? No livro supracitado, são sugeridas algumas hipóteses das quais mencionamos duas: (i) a não-ocorrência de NPs em posições argumentais, como no caso das línguas de argumento pronominal; e (ii) a ausência de um sistema de determinantes.

Comentamos abaixo essas duas hipóteses.

1.2. Propriedades paramétricas das línguas sem quantificação-D

(i) Línguas de argumento pronominal

Vieira (1995) sugere que a ausência de quantificadores-D em Asurini do Trocará pode estar relacionada à ausência de NPs em posição argumental. Segundo tal proposta de análise, o Asurini é uma língua do tipo argumento pronominal em que os argumentos são expressos por elementos pronominais na morfologia verbal, ao passo que os NPs a eles associados são meros adjuntos. Por serem adjuntos, os NPs apresentam ordem livre. Para poder quantificar sobre os verdadeiros argumentos dentro da palavra verbal, emprega-se quantificadores adverbiais (sintáticos e lexicais). Em (7), o sufixo *-oho* tem escopo sobre o sujeito pronominal de 3ª pessoa que, por sua vez, está coindexado

ao NP “homens” em posição de adjunto. Sendo assim, inexistem expressões descontínuas em (3) e (7), visto que os quantificadores não formam um NP, com os nomes sobre os quais quantificam. As melhores traduções para (3) e (7) seriam, respectivamente: “todos eles deitaram, os homens” e “então, os homens, todos eles disseram de novo: é caititu”:

Asurini

- (7) *kwe raka ŋoa: “tasahoa” o-sa-oho no*
 Então EVID homens “caititu”³-dizer-todo de novo
 ‘**Todos eles, os** homens disseram de novo: “(è) caititu” (NICHOLSON, 1976c, p. 69)

(ii) Ausência de um sistema de determinantes

Bittner e Hale (1995) também constata a inexistência de quantificadores-D em Warlpiri devido à ausência de um sistema de determinantes na língua. Em Warlpiri, não há artigos, demonstrativos ou qualquer outro elemento que possa se encaixar na classe dos determinantes, segundo os autores. Desse modo, a língua faz uso de outros meios para a expressão da quantificação. As expressões quantificacionais são, em geral, realizadas através de nomes ou de predicados verbais. Até as palavras traduzidas como demonstrativos são expressas através de nomes. Em (8), o quantificador “muitos” (= *large group*) apresenta o mesmo comportamento sintático e semântico que o nome “criança” em (9). Ambas as palavras apresentam ambiguidade em suas interpretações:

Warlpiri

- (8) *Panu ka-rna-jana nya-nyi*
 Many PRS-1SG-3PL see-NPST
 (a) I see **a large group (of them)** [indefinido]
 (b) I see **the large group (of them)** [definido]
 (c) I see them **who are a large group** [predicativo] (BITTNER; HALE, 1995, p. 95)
- (9) *Kurdu ka-rna-Ø nya-nyi*
 Child PRS-1SG-3SG see-NPST
 (a) I see **a child.** [indefinido]
 (b) I see **the child.** [definido]
 (c) I see him **who is a child** [predicativo] (BITTNER; HALE, 1995, p. 95)

Vê-se, então, que um número significativo de línguas parece usar apenas quantificação-A, em detrimento de quantificação-D, para expressar as diversas noções quantificacionais existentes. Dentre elas, é possível citar, além do Asurini: Salishe, Mohawk, Warlpiri, Mayali e *American Sign Language*.

Existem algumas críticas na literatura relacionadas à afirmação de que certas línguas empregam apenas quantificadores-A para quantificar os NPs. Uma delas é feita por Liskova (2017, p. 5)⁸: “*While a number of languages have been shown to use A-quantification for quantification over NP arguments, it is not clear how common it is for a language to use it as a sole strategy for expressing quantification. One language that have been claimed to lack D-quantification altogether is Asurini do Trocara (VIEIRA, 1995). Additionally, Jelinek (1995) reported the absence of D-quantification for the Straits Salish languages, but subsequent research has offered counterevidence to her claim.*”

Embora o questionamento de Liskova seja válido, continuamos a afirmar neste artigo a nossa posição inicial sobre o uso de quantificadores-A para quantificar NPs não só no Asurini, mas também nas outras duas línguas aqui investigadas.

Apresentamos a seguir informações gramaticais sobre as três línguas que são relevantes para a compreensão dos dados referentes à quantificação a serem comentados na seção 3.

2. Propriedades gramaticais das línguas da família Tupi-Guarani

O Asurini, o Tupinambá e o Guarani Mbyá se caracterizam por possuírem uma morfologia verbal rica em que podem ser atachados vários tipos de afixos funcionais e lexicais. Em Tupinambá, por exemplo, uma palavra verbal pode carregar toda a informação contida em uma oração. Como ilustra (10) abaixo, o núcleo verbal “comer” tem a ele incorporado o objeto direto (“frutas”) seguido por seu qualificador (“ácidas”). Também fazem parte da morfologia verbal os afixos de concordância de sujeito e de negação:

Tupinambá

(10) *nd'-ere-ybá-ai'-û-i*

NEG-2SG-fruta-ácida-comer-NEG

‘Não comas frutas ácidas’

(LEMOS BARBOSA, 1956, p. 207)

Esse tipo de constituição morfológica é verificado nas línguas classificadas tipologicamente como polissintéticas/ incorporantes⁹.

Passamos agora para a descrição das categorias lexicais observadas nessas línguas, como: nomes, verbos, adjetivos, advérbios e posições.

⁸ “Enquanto um número de línguas é apresentado como usando quantificação-A para quantificar sobre NPs, não está claro o quão comum seria para uma língua usar esse tipo como a sua única estratégia para expressar a quantificação. Uma língua em que se alega inexistir quantificação-D é o Asurini do Trocará. Além dessa, Jelinek (1995) aponta para a ausência de quantificação-D nas línguas Salishe do Estreito, mas pesquisas subsequentes apresentaram contraevidências para essa afirmação”.

⁹ O Tupinambá é uma língua em que o processo de incorporação nominal e verbal é muito mais produtivo do que nas outras duas línguas aqui investigadas.

2.1. As categorias lexicais

2.1.1. Os nomes

Em Asurini e Tupinambá, raízes terminadas em consoantes recebem o sufixo categorizador *-a* para se tornarem nomes sintaticamente. Todos os nomes devem terminar em *-a* ou em vogal tônica, quando esta faz parte da raiz¹⁰.

Os nomes inalienáveis são obrigatoriamente marcados com pronomes possessivos seguidos por um morfema relacional (*Ø~r*)¹¹:

Asurini

- (11) *i-Ø-men-a*
3-REL-marido-NMLZ
'Marido dela'

Tupinambá

- (12) *ore-r-ub-a*
1PL-REL-pai-NMLZ
'Nosso pai' (LEMOS BARBOSA, 1956, p. 50)

Não há flexão de gênero nem de número. Um nome nú pode ser interpretado como singular ou plural, como mostra as traduções em (13). A noção de quantidade pode, porém, ser codificada de diferentes maneiras. O Guarani Mbyá, por exemplo, desenvolveu um morfema, *-kuery*, para expressar pluralidade / coletividade, (14), mas este não deve ser analisado como flexão de número porque é um marcador opcional¹²:

Asurini

- (13) *ipira*
'Peixe/ peixes'

Guarani Mbyá

- (14) *popo-kuery*
borboleta-muito
'Borboletas'

¹⁰ O Guarani Mbyá perdeu as consoantes finais das raízes e assim, não emprega o sufixo nominalizador fonologicamente expresso.

¹¹ A forma do relacional depende da classe morfológica do núcleo nominal envolvido.

¹² Noções como grau diminutivo e tempo passado e futuro também podem vir expressos na morfologia nominal, conforme indicam (i) e (ii):

Guarani Mbyá

(i) *popo-'i*
Borboleta-DIM
'Borboletinha'

(ii) *Xe-me-rã*
1SG-marido-FUT
'Meu futuro marido'

2.1.2. Os Verbos

Os verbos são marcados obrigatoriamente com morfemas pessoais referentes ao sujeito e/ou ao objeto, extraídos de duas séries pronominais distintas: (i) a Série Ativa¹³ onde figuram os afixos pessoais indicadores dos sujeitos de verbos transitivos e intransitivos ativos; e (ii) a Série Não-Ativa¹⁴ que contém pronomes clíticos que expressam os objetos e os sujeitos dos verbos intransitivos não-ativos. Trata-se, então, de línguas tipologicamente ativas/não-ativas. Nas construções transitivas, a escolha dos marcadores de pessoa a serem afixados no verbo segue a hierarquia referencial em que $1^a > 2^a > 3^a$. Em (16b) abaixo, vê-se apenas a expressão do objeto, já que este é mais alto na hierarquia do que o sujeito de 3^a. Porém, quando o objeto é de 3^a pessoa, tanto os pronominais referentes aos sujeitos quanto os referentes aos objetos são codificados na morfologia verbal, como ilustra (15b):

Asurini

(i) Série Ativa

(15a) *a-ken*

1SG-dormir

‘Eu durmo/dormi’

(15b) *a-Ø-apo*

1SG-3-fazer

‘Eu o faço/fiz’

(ii) Série Não-Ativa

(16a) *se-kani’o*

1SG-cansado

‘Estou/ estava cansado’

(16b) *se-nopo*

1SG-bater

‘Me bate / bateu’

Não há flexão de tempo presente ou passado, mas tanto o Asurini quanto o Guarani Mbyá desenvolveram um marcador de tempo futuro a partir do verbo *pota(r)* (“querer”), (17). Nas três línguas, os morfemas que codificam aspecto e modo desiderativo também podem ocorrer como afixos verbais, (18):

Asurini

(17) *a-ken-ta*

1SG-dormir-FUT

‘Dormirei’

Tupinambá

(18) *a-ker-ypy*

1SG- dormir-começar

‘Comecei a dormir’

(LEMOS BARBOSA, 1956, p. 211)

¹³ Essa série contém afixos de concordância de sujeito.

¹⁴ Essa série é composta por pronomes clíticos referentes aos objetos, sujeitos intransitivos não-ativos e possuidores nominais. É também empregada nas orações subordinadas para expressar o objeto e o sujeito intransitivo.

A negação verbal é expressa por meio de um afixo descontínuo. Os morfemas de mudança de valência verbal, como o causativo, o aplicativo e o reflexivo, também são codificados na morfologia verbal, conforme ilustra (19):

Tupinambá

- (19) *nd'-ere-î-mo-edy-i*
 NEG-2SG-3-CAUS-acender-NEG
 'Você não o acendeu' (LEMOS BARBOSA, 1956, p. 193)

2.1.3. Os Adjetivos

Os adjetivos nas línguas da família Tupi-Guarani podem figurar em função atributiva. Neste caso, seguem o nome como se o incorporassem:

Asurini

- (20) *h-áng-yahó-a*
 3-casa-nova-NMLZ
 'A casa nova dele' (CABRAL; RODRIGUES, 2003, p. 124)

Tupinambá

- (21) *nhe'ẽ-porang-a*
 Fala/voz-bonita-NMLZ
 'Voz bonita' (LEMOS BARBOSA, 1956, p. 35)

Guarani Mbyá

- (22) *oo porã*
 Casa bonita

Em função predicativa, os adjetivos flexionam como qualquer outro verbo intransitivo não-ativo, (23). Note-se que essa possibilidade de verbalização também se estende aos nomes que se transformam em verbos possessivos, (24):

Guarani Mbyá

- (23) *Ara i-porã-ta*
 Ara 3-bonita-FUT
 'Ara ficará bela/bonita'

- (24) *Ara i-kyxe-ta*
 Ara 3-faca-FUT
 'Ara terá faca'

2.1.4. Os advérbios

Vários tipos de advérbios são observados nessas línguas, como os de modo, os temporais e os sentenciais. A maioria destes advérbios pode figurar em diferentes posições na oração, como é o caso de “devagar” em Guarani Mbyá:

Guarani Mbyá

(25a) *Xee mbegue'i a-i-nupã kyrĩgue*
 Eu devagar 1SG-3-bater crianças
 ‘Eu bati devagar nas crianças’

(25b) *Xee a-i-nupã mbegue'i kyrĩgue*
 Eu ‘SG-3-bater devagar crianças
 ‘Eu bati devagar nas crianças’

Outros tipos de advérbios, principalmente os de modo e os de intensidade, podem aparecer sufixados ao verbo, conforme se vê nos dados a seguir. Observe que alguns desses advérbios estão associados aos adjetivos, como é o caso de *-porũ* em (28):

Tupinambá

(26) *epĩa'-katu*
 Ver-bem (LEMOS BARBOSA, 1956, p. 37)

Guarani Mbyá

(27) *nda'o-ky-vaipa-i*
 NEG-3-chover-muito-NEG
 ‘Não choveu muito’ (DOOLEY, 2013a, p. 87)

(28) *a-ke-porũ-ta*
 1SG-dormir- bem -FUT
 ‘Dormirei bem’

As posposições

As línguas da família Tupi-Guarani possuem posposições cujos argumentos são realizados por meio de NPs ou pelos marcadores de pessoa da Série Não-Ativa. Essas posposições podem expressar variados valores semânticos, como: “companhia”, “instrumento”, “direção” etc.:

Tupinambá

(29) *a-ĩ-meeng [nde r-uba supé]*
 1SG-3-dar 2SG REL-pai para
 ‘Dei-o para seu pai’ (LEMOS BARBOSA, 1956, p. 73)

Passamos agora a descrever alguns aspectos da sintaxe dessas línguas.

2.2. Aspectos da sintaxe

2.2.1. A ordem oracional

No nível sintagmático, essas línguas são do tipo núcleo final, já que possuem posposições e admitem a ordem SOV. Contudo, a ordem no nível oracional pode ser livre em Asurini e Tupinambá, podendo ser atestados todos os padrões possíveis: SVO, SOV, OVS, OSV, VSO e VOS. Em Guarani Mbyá, todavia, percebe-se uma preferência pelas ordens SOV e SVO, (30a) e (30b). Note-se também que essas línguas admitem sujeitos e objetos nulos, como ilustrado no exemplo (30c):

Guarani Mbyá

(30a) *Xivi o-juka mboi* SVO

Onça 3-matar cobra

‘A onça matou a cobra’

(30b) *Xivi mboi o-juka* SOV

Onça cobra 3-matar

‘A onça matou a cobra’

(30c) *o-juka* V

3-matar

‘(Ela) (a) matou’

Vieira (1993, 1995) associou a ordem livre em Asurini com uma propriedade das línguas de argumento pronominal. Em Vieira (2014), contudo, a ordem aparentemente livre observada em Asurini e Tupinambá, passou a ser vista como derivada do estatuto informacional dos constituintes da oração. Adotando a proposta de Rizzi (1997; 2004) sobre a existência de projeções funcionais na periferia esquerda da oração, como em (31), é possível sugerir que os NPs dessas línguas aparecem em diferentes ordens porque se deslocam de suas posições de base para as posições de tópico e de foco¹⁵:

(31) [TopP [FocP [TopP [IP]]]]

2.2.2. O Indicativo II- um tipo de focalização

Em Asurini e Tupinambá, mas não mais em Guarani Mbyá, existe uma construção chamada na literatura de Indicativo II (cf. CABRAL e RODRIGUES, 2003) que, segundo Vieira (2014), é um tipo de focalização. Tal construção se caracteriza pela mudança da forma verbal quando o sujeito é de 3ª pessoa e os seguintes sintagmas são deslocados para a periferia esquerda da oração: adverbiais, interrogativos não-nucleares (“quando?, onde?, como?, por que?”), posposicionais e orações

¹⁵ A representação em (31) está simplificada. Nela constam apenas as posições de foco e de tópico alto e baixo.

subordinadas adverbiais. Nestes casos, o verbo adquire um sufixo especial¹⁶ e os seus argumentos são expressos por NPs ou por pronominais da Série Não-Ativa. No Tupinambá, em contexto de Indicativo II, a ordem dos constituintes é SOV.¹⁷ Em (32a), o elemento focalizado é o advérbio “depressa”, representado em FocP em (32b):

Tupinambá

(32a) *koriteí kunha pitanga mombak-i* XP SOV
 Depressa mulher criança acordar-II
 ‘Depressa, a mulher acordou a criança’ (LEMOS BARBOSA, 1956, p. 213)

(32b) [_{FocP} *koriteí* [_{IP} *kunha pitanga mombak-i*]] [XP[SOV]]

Passamos agora à apresentação dos dados referentes à expressão da quantificação nas três línguas escolhidas para investigação.

3. Quantificando em Tupi-Guarani

Vimos que as línguas naturais podem expressar noções quantitativas através de dois meios morfossintáticos: Determinantes (Quantificação-D) e elementos Adverbiais (Quantificação-A). Nas línguas aqui tratadas, os numerais, o indefinido “muitos” e o quantificador universal são realizados como advérbios, verbos e sufixos; ou seja, como quantificadores-A. Diante desse fato, uma pergunta que se levanta é: por que essas noções quantitativas não são codificadas por meio de quantificadores-D? Sugere-se aqui como hipótese inicial para esse questionamento que, pelo menos em Asurini e Tupinambá, não são encontradas evidências robustas para afirmar que haja um sistema de determinantes. Em Guarani Mbyá, porém, é possível que algumas poucas expressões possam ser incluídas na categoria dos determinantes, mas não temos ainda uma análise fechada sobre o tema.

3.1. Há uma classe de determinantes?

Nas línguas da família Tupi-Guarani, os NPs não são explicitamente marcados para definitude. Como não há artigos, os nomes nús são ambíguos entre uma leitura definida ou indefinida, como ilustra (33):

Guarani Mbyá

(33) *kyxe*
 ‘Faca/ a faca/ uma faca’

¹⁶ No Asurini, o sufixo do Indicativo II é sempre *-i*. Em Tupinambá, esse sufixo é expresso na forma *-i* depois de consoantes, mas *-î* depois de vogais.

¹⁷ Os sujeitos transitivos nunca são realizados por meio de marcadores de pessoa nessas construções de Indicativo II.

Outros elementos que co-ocorrem com os nomes, além dos adjetivos, e que poderiam ser atribuídos à classe dos determinantes seriam os pronomes possessivos e os elementos traduzidos como demonstrativos. Vejamos se estes elementos podem ser incluídos na categoria dos determinantes.

(i) Os pronomes possessivos

Os pronomes possessivos são obrigatoriamente marcados nos nomes inalienáveis, conforme já mencionado em 2.1. Porém, a sua presença, não implica em uma leitura definida, assim como acontece com os possessivos determinantes do inglês (*my book*)¹⁸, por exemplo. O sintagma “minha faca” pode ser interpretado como definido ou indefinido:

Guarani Mbyá

- (34) *Xe - Ø-kyxe*
 1SG -REL-faca
 ‘A minha faca/uma faca minha’

Para se obter uma leitura indefinida, por exemplo, é empregado o numeral “um” Essa possível co-ocorrência do numeral junto com o possessivo, mostra que este não tem leitura definida. O possessivo não pertence, então, à classe dos determinantes:

Guarani Mbyá

- (35) *petëi xe-Ø-kyxe*
 Um 1SG-REL-faca
 ‘Uma faca minha’

(ii) Os demonstrativos

Outros candidatos para a classe dos determinantes seriam os chamados demonstrativos, que codificam informações sobre distância, proximidade e/ou visibilidade de um objeto em relação ao falante. Para o Asurini, Vieira (1995) mostra, porém, que tais morfemas têm comportamento de advérbios, posto que, quando ocupam posição inicial na sentença, desencadeiam a forma verbal de Indicativo II. Observe em (36) que se *eokwe* e *ipira* formassem um NP, não haveria elemento algum para servir de gatilho para a forma de Indicativo II. Na verdade, o que se tem em (36), são dois sintagmas separados, sendo que o primeiro, o “demonstrativo”, se encontra em FocP e o segundo, o NP “peixe”, é um objeto topicalizado em TopP, (36b):

¹⁸ Estes não admitem a co-ocorrência com artigos. Pronomes e artigos estão em distribuição complementar em Inglês. Assim, tanto os possessivos quanto os artigos são elementos determinantes em Inglês. Essa restrição não é observada em Português, o que significa que os possessivos dessa língua não pertencem à classe dos determinantes:

(i) **the my book*.
 (ii) O meu livro.

Asurini

- (36a) *Eokwe ipira i-mana-i se-ope Natairona –r-itya*
 Lá/aquele peixe 3-deixar-II 1SG- para Natairona –REL- esposa
 ‘Lá (havia) o peixe (que) ela deixou para mim, a mulher de Natairona ‘
 (NICHOLSON, 1976b, pp. 23-4)

- (36b) [_{FocP} *Eokwe* [_{TopP} *ipira* [_{IP} *i-mana-i se-ope Natairona –r-itya*]]]

O mesmo comportamento dos demonstrativos do Asurini é observado em Tupinambá. Em (37), *kó* se encontra à esquerda da oração e desencadeia também a forma verbal de Indicativo II:

Tupinambá

- (37) *kó i-só-ú*
 Eis/este 3-ir-II
 ‘Eis que vai’ (LEMOS BARBOSA, 1956, p. 214)
 ‘Aquele que vai’

Em Guarani Mbyá, os elementos traduzidos como demonstrativos se apresentam de duas formas: uma simples¹⁹, (38a), e outra morfologicamente complexa com função mais enfática, (38b). Neste último exemplo, tanto o demonstrativo quanto o nome co-ocorrem com o sufixo *-va’e*, morfema este com diversas funções na língua: introduz orações relativas; confere uma referência definida aos nomes; e atua como nominalizador. Em (38b) *-va’e* parece dar ao nome, “mulher” uma interpretação definida²⁰. Então, qual seria a função do mesmo morfema agregado ao demonstrativo? Essa forma complexa do demonstrativo pode co-ocorrer ainda com o sufixo coletivo, *-kuery*, e o significado da expressão é: “aquelas pessoas”, (38c):

Guarani Mbyá

- (38a) *Pe kunhã*
 ‘Aquele mulher’
- (38b) *Pe-va’e kunha-va’e*
 Aquela-NMLZ mulher-NMLZ
 ‘Aquele mulher’
- (38c) *Pe-va’e-kuery*
 Aquela-NMLZ-PL/COL
 ‘Aquelas pessoas’

¹⁹ *Pe* pode também receber uma leitura adverbial com significado de “lá”.

²⁰ Em Tupinambá, os demonstrativos também podem ser sufixados com – “*bae*” (= *va’e*):

(i) *Kó-bae*
Aquele-bae (LEMOS BARBOSA, 1956, p. 54)

Embora ainda não tenha sido realizada nenhuma análise formal dos sintagmas nominais em Guaraní Mbyá, sugerimos aqui como uma possível proposta de análise que o demonstrativo tenha o estatuto de um nome em (38b) em justaposição com outro nome, uma vez que ambos co-ocorrem com um marcador de definitude. Demonstrativos podem ser realizados na forma de nomes, como acontece em Warlpiri. Já em (38a) esse morfema pode ser tratado como um advérbio. Deixamos em aberto essa questão por enquanto. O que é possível afirmar aqui é que as noções quantitativas não são expressas por elementos da categoria dos determinantes.

Vejam agora como se manifestam as expressões de cardinalidade e de quantificação universal nas três línguas.

3.2. As expressões de cardinalidade

As expressões de cardinalidade abrangem os numerais e os elementos indefinidos “muitos”. Em várias línguas, como o Português e o Inglês, essas noções são referenciadas por elementos da classe dos determinantes ou por modificadores nominais. Nas línguas da família Tupi-Guarani, essas expressões de cardinalidade são codificadas por meio de advérbios e de verbos e, inclusive, por meio de sufixos.

Mostramos nesta seção que os numerais e os indefinidos apresentam o mesmo comportamento em termos de categorização. Ambos atuam ora como advérbios ora como verbos. Na condição de advérbios, podem exibir ordem livre em relação aos constituintes sob seus escopos, ocorrem em contextos descontínuos, e podem ainda se sufixar aos verbos, assim como vários outros advérbios dessas línguas. Além disso, servem de gatilhos para a forma verbal de Indicativo II e possuem escopo não-seletivo.

3.2.1. Os numerais

Os numerais vão do um até o quatro²¹ e se manifestam sintaticamente como advérbios ou como verbos. Os dados a serem aqui apresentados indicam que os numerais não fazem parte dos NPs cujos núcleos modificam, já que não são elementos determinantes.

3.2.1.1 Função adverbial

(i) “Expressões descontínuas”

Os numerais não ocupam posição fixa em relação ao nome que quantificam, podendo ser prepostos ou pospostos a ele, como mostram os dados a seguir:

²¹ Números acima de “cinco” são expressos ou por locuções específicas ou por empréstimos do Português. Em Tupinambá, para se referir ao número “vinte”, emprega-se a combinação dos sintagmas “minha mão e “meu pé”:

Tupinambá

(i) *Xe pó Xe py*

1SG mão 1SG pé

Vinte’ (LEMON BARBOSA, 1956, p. 99).

Asurini

- (39a) *mokõi ipira*
Dois peixe
- (39b) *ipira mokõi*
Peixe dois
'Dois peixes'

Tupinambá

- (40a) *oîepé pysá*
Uma rede
- (40b) *pysá oîepé*
Rede uma
'Uma rede' (LEMOS BARBOSA, 1956, p. 99)

Guarani Mbyá

- (41a) *Ore ro-joka mokõi karo.*
Nós 1PL- quebrar dois copo
'Nós quebramos dois copos'
- (41b) *Ore ro-joka karo mokõi*
Nós 1PL-quebrar copo dois
'Nós quebramos dois copos'

Além de ocorrerem contíguos aos nomes, os numerais podem também se manifestar em contextos “descontínuos”, como indicam os exemplos de (42) a (45)²². Observe-se que tanto o nome quanto o numeral podem aparecer à esquerda ou à direita do verbo:

Asurini

- (42) *osepesowe a-nohem ipira*
Um 1SG-pegar peixe
'Peguei um peixe'
- (43) *se-memyra we a-ha osepesowe*
1SG-filho também 1SG-ir um
'Só um filho meu foi'

²² Em Tupinambá não encontramos numerais em construções descontínuas nos dados disponíveis para observação.

Guarani

- (44) *Ore mokõi ro-guereko oo porã*
 Nós duas 1PL-ter casa bonita
 ‘Nós temos duas casas bonitas’
- (45) *Ore mokõi ro-joka karo*
 Nós dois 1PL-quebrar copo
 ‘Nós quebramos dois copos’

Estariam esses quantificadores dentro de um mesmo sintagma com o nome, em algum nível de derivação sintática? Existem evidências para afirmar que a resposta para esta pergunta é: não. Nos exemplos acima, não estamos diante de “expressões descontínuas”, como veremos a seguir.

(ii) Sufixos verbais

Nos dados coletados junto aos falantes de Guarani Mbyá, verificou-se a possibilidade de os numerais poderem ocorrer agregados aos verbos, precedendo o morfema de futuro verbal, como se estivessem em função adverbial²³. Compare os pares abaixo:

Guarani Mbyá

- (46a) *Ore ro-japo-ta mokõi kya*
 Nós 1PL-fazer-FUT duas rede
 ‘Nós faremos **duas redes**’
- (46b) *Ore ro-japo- mokõi -ta kya*
 Nós 1PL-fazer- duas-FUT rede
 ‘Nós faremos **duas redes**’
- (47a) *Xee mokõi pakova a-me’ẽ-ta*
 Eu duas banana 1SG-dar’-duas-FUT
 ‘Eu darei **duas bananas**’
- (47b) *Xee pakova -a-me’ẽ-mokõi-ta*
 Eu banana 1SG-dar’-duas-FUT
 ‘Eu darei **duas bananas**’

Não há diferenças de significado entre as formas (a) e (b). Nos primeiros casos, o numeral aparece contíguo ao nome, como se estivesse compondo com este um NP, mas nos segundos casos, o numeral faz parte da morfologia verbal, como se estivesse exercendo função adverbial²⁴. Em qualquer

²³ Essa construção pode não ser aceita por alguns falantes de subdialetos do Mbyá.

²⁴ Dados como (i) indicam que a sufixação do numeral também se manifesta em verbos denominais de posse:

uma dessas ocorrências, *mokõi* tem escopo sobre os NPs em função de objeto. O que esses dados parecem revelar é que o numeral e o nome não formam um NP em nenhum nível de representação, já que possuem uma distribuição mais próxima à distribuição dos advérbios:

(iii) O escopo dos numerais

Os numerais podem ter escopo sobre qualquer nome contável em uma oração. Em (48), por exemplo, o único nome contável é “sacos”, já que o objeto direto “farinha” é não-contável. Então, esse é o nome que vai estar sob o escopo do numeral. Também é possível dizer que “dois” possa operar sobre o evento nessa mesma configuração (“trouxe duas vezes”):

Asurini

- (48) *mokõi raka h-eroro-ho-i o'ia saka pype*
 Dois EVID 3-trazer-muito-II farinha saco em
 ‘Ele trouxe muita farinha em **dois sacos**’ (SOLLY ROBIN, 1963, p. 20)

Além de quantificar sobre NPs, os numerais podem ter escopo sobre o predicado (o evento), como mostram os dados a seguir. Em (49) e (50), “dois” se refere ao número de vezes que os eventos ocorreram:

Asurini

- (49) *mokõi raka a-mopon h-ehe i-soka-o*
 Dois EVID 1SG-atirar 3-em 3-matar-DEP
 ‘Eu **atirei** nele **duas vezes** e o matei’ (TOMKINS, 1976, p. 23)

Tupinambá

- (50) *mokõi o-kanhem*²⁵
 Duas 3-desaparecer
 ‘**Desapareceu duas vezes**’ (LEMOS BARBOSA, 1956, p. 100)

Em Guarani Mbyá, os numerais, quando têm escopo sobre o evento, recebem um sufixo especial, *-gue*:

Guarani Mbyá

- (51) *Ore karo ro-joka mokõigue*
 Nós copo 1PL-quebrar duas
 ‘Nós **quebramos** copos **duas vezes**’

Guarani Mbyá

- (i) *Ara i-ajaka-irundy-ta*
 Ara 3-cesta-quatro-FUT
 ‘Ara terá quatro cestas’

²⁵ Neste exemplo, a forma de Indicativo II não foi ativada.

(iv) Gatilhos para o Indicativo II

Uma outra evidência para o estatuto adverbial dos numerais vem da possibilidade de funcionarem como gatilhos para a forma de Indicativo II, quando se encontram à esquerda da oração. Este é o caso dos exemplos (48), (52) e (53):

Asurini

- (52) *mokõi raka i-sywo-i pane*
Dois EVID 3-flechar-II à toa
'Ele flechou **dois (deles)** à toa' (TOMKINS, 1976, p. 33)

Tupinambá

- (53) *oîepé i îebyr-i*
Uma 3 voltar-II
'**Voltou uma vez**' (LEMOS BARBOSA, 1956, p. 348)

3.2.1.2. Função de predicado verbal

Conforme ilustram os dados a seguir, a palavra “dois” ocorre com o sufixo de futuro, exercendo a função de predicado verbal²⁶:

Asurini

- (54) *Ø-mokõi-ta Sahya*
3- Duas-FUT lua
'Serão duas luas'
(Lit.: 'Serão dois dias') (NICHOLSON, 1975a, p. 30)

Guarani

- (55) *Ø-mokõi-ta Jaxy*
3- Duas-FUT lua
'Serão duas luas'

As palavras usadas para designar os números “três” e “quatro” contêm em seus núcleos uma raiz com significado de “par”. Por exemplo, o termo “três” significa literalmente “não é um par” e é constituído por afixos de concordância e de negação verbal, (56). Esse verbo também pode ser causativizado, (57), assim como qualquer outro verbo intransitivo dessas línguas:

Asurini

- (56) *na-i-ro-pota-ihî Sahya*
NEG-3-par-FUT-NEG lua
'**Não serão um par de Luas/ Serão três luas**' (NICHOLSON, 1975a, p. 30)

²⁶ *Kõi* significa “gêmeos” e *mo-* é o morfema causativo. Então, *mokõi* significa literalmente: “fazer gêmeos”

- (57) *Saocia n-a-mo-iro-ih* *i-pyk-a* *i-memyra we*
 Tartaruga NEG-1SG-CAUS-par-NEG 3-pegar-DEP 3-filho também
 ‘Peguei três tartarugas e as trouxe com os seus filhos também’ (TOMKINS, 1976, p. 33)

A palavra que corresponde ao número “quatro” pode também receber morfemas de concordância e de futuro, bem como adverbiais, conforme indica o exemplo (58) abaixo. Em Tupinambá, não é dada uma tradução para a palavra “quatro”, constituída por morfemas de mudança de valência, (59):

Asurini

- (58) *i-iro-ηato-ete-pota Sahya*
 3-par-bem-muito-FUT lua
 ‘Serão quatro luas’ (NICHOLSON, 1975, p. 30)

Tupinambá

- (59a) *i-ru-ndyk*
 3- par-?
- (59b) *o-îe-iru-ndyk*
 3- REFL-par-?
- (59c) *mo-îe--iru-ndyk*
 CAUS-REFL- par-? (LEMOS BARBOSA, 1956, p. 99)

Na seção abaixo, descrevemos o comportamento do morfema que corresponde a “muitos”, mostrando o quão semelhante é ao comportamento dos numerais.

3.2.2. O indefinido “muitos”

Nas três línguas, há um morfema independente- (*h/s/r*)*eta* - usado para expressar a noção de quantidade indefinida “muitos/as”. Da mesma maneira que os numerais, tal morfema pode funcionar como advérbio ou como verbo. Na condição de advérbio, também tem escopo não-seletivo sobre nomes e predicados, apresenta ordem livre em relação aos nomes sobre os quais quantifica, ocorre como sufixo verbal e serve de gatilho para a forma de Indicativo II. Enquanto verbo, pode ser conjugado como qualquer outro verbo intransitivo não-ativo.

Além desse morfema independente, há outros para expressar a noção de “muitos”. Trata-se de sufixos verbais que opera sobre os argumentos absolutivos ou sobre os eventos verbais.

3.2.2.1 Função adverbial

(i) “Expressões descontínuas”

Assim como os numerais, (*h*)*eta* não ocupa uma posição fixa em relação ao nome que modifica, e pode ainda aparecer em contextos “descontínuos”, conforme ilustram os exemplos a seguir:

Asurini

- (60a) *tasahoa h-eta*
Queixada muita
- (60b) *heta tasahoa*
Muita queixada
‘**Muitas queixadas**’
- (61) *heta i-soka-pota ma’e’aa*
Muita 3-matar-FUT caça
‘Matará **muita carne** de caça’

Guarani Mbyá

- (62a) *heta ava-kue o-mano*
Muito homem-PL 3-morrer
‘**Muitos homens** morreram’
- (62b) *Ava-kue heta o-mano*
Homem-PL muito 3-morer
‘**Muitos homens** morreram’
- (63) *Xee heta a-reko xe-pi’a*
Eu muito 1SG-ter 1SG-filho
‘Eu tenho **muito filhos**’
- (64) *heta o-ĩ nhandu re i-py*
Muito 3-estar aranha em 3-pé
‘Há **muitos pés** na aranha’

Assim como os numerais, *eta* não faz parte do NP cujo núcleo quantifica. É um advérbio que pode ocorrer agregado ao verbo, como ilustram os dados a seguir. Sendo assim, não há “expressões descontínuas” assim como se viu no caso dos numerais.

(ii) Sufixo verbal

Verificou-se também a forma dependente *reta* ocorrendo como se fosse um sufixo verbal, como ilustram (65) e (66):

Guarani Mbyá

- (65) *Ava-kue o-o reta*
homem-PL 3-ir muito
‘**Muitos homens** foram’

- (66) *Ava-kue o-'u reta pakova*
 Homem-PL 3-comer muita banana
 ‘Os homens comeram **muitas bananas**’

Como (*r*)*eta* pode ainda ser posicionado à esquerda da partícula de tempo futuro e do sufixo de negação na morfologia verbal, assume-se que esteja exercendo função adverbial em todos esses casos. Essa possibilidade de posicionamento pós-verbal indica que (*r*)*eta* não forma um NP com o nome sobre o qual quantifica. Em (69), *heta* quantifica a raiz nominal, “cesta” que compõe o verbo de posse:

Guarani Mbyá

- (67) *a-reko-reta-ta ajaka*
 1SG-ter-muito-FUT cesta
 ‘Eu terei **muitas cestas**’
- (68) *avakue o-'u- reta-ta pakova*
 Homens 3-comer-muito-FUT banana
 ‘Os homens comerão **muitas bananas**’
- (69) *Ara na-i-ajaka-reta-i*
 Ara NEG-3-cesta-muito-NEG
 ‘Ara não terá **muitas cestas**’

Esses dados indicam mais uma vez que (*h*)*eta* não forma um constituinte com NP com o nome sobre o qual opera.

(iii) O escopo de “muitos”

Além de ter escopo sobre os NPs, *heta/seta* pode quantificar sobre o evento, como ilustram (70), (71) e (73), indicando que a ação ocorreu repetidas vezes ou que foi intensa. Em (72), esse quantificador aparece agregado ao verbo com escopo sobre o evento da mesma forma que qualquer outro advérbio de modo ou de intensidade²⁷ dessas línguas:

Asurini

- (70) *o-kén-ta heta*
 3-dormir-FUT muitas
 ‘Ele **dormiu muitos dias**’ (NICHOLSON, 1976, p. 40)

²⁷ Note-se que o verbo está na forma de Indicativo II por causa do sintagma interrogativo à esquerda da oração.

Tupinambá

(71) *setá o-î-api*
 Muito 3-3-tocar
 ‘**Tocou** nele **muitas vezes**’ (LEMOS BARBOSA, 1956, p. 100)

(72) *Mara namo pe s-enô-i- etá-û?*
 Por que INT 3-chamar-muitas-II
 ‘Por que o **chamaram muitas vezes**?’ (LEMOS BARBOSA, 1956, p. 215)

Guarani Mbyá

(73) *i-jayu –reta*
 3-falar-muito
 ‘**Falou muito**’ (DOOLEY, 2013a, p. 42)

(iv) Gatilho para o Indicativo II

Em posição inicial de uma oração com sujeito de 3ª pessoa, *eta* pode desencadear a forma verbal de Indicativo II, assim como qualquer outro elemento adverbial dessas línguas. Em (74), o quantificador tem escopo sobre o objeto, mas em (75) o seu escopo recai sobre o sujeito:

Asurini

(74) *heta i-soka-i oŋywa po*
 Muito 3-matar-II flecha com
 ‘Foram **muitos deles** (que) matou com a flecha’

(75) *heta i-ha-i*
 Muito 3-ir-II
 ‘**Muitos deles** foram embora’

3.2.2.2. Função predicativa

Da mesma forma que os numerais, o quantificador “muitos” pode também ser conjugado como um verbo intransitivo não-ativo, tendo o seu sujeito representado pelos marcadores pronominais da Série Não-Ativa. Além de receber os elementos pronominais não-ativos, *eta* pode ser negado como qualquer outro verbo independente, (81)²⁸:

²⁸ Existem também outros morfemas que significam “muitos” e que possuem um comportamento semelhante ao de *eta*, conforme se verifica nos exemplos do Tupinambá abaixo:

Tupinambá

- | | |
|---|--|
| (i) <i>ore r-eburusu</i>
1PL-REL-muito
‘Somos muitos ’ (LEMOS BARBOSA, 1956, p. 244) | (ii) <i>oré r-eyî</i>
1PL-REL-Muito
‘Somos muitos ’ (LEMOS BARBOSA, 1956, p. 244) |
|---|--|

Asurini

(76) *ore-r-eta*

1PL-REL-muito

‘Somos muitos’

(77) *a-weta i-apo osoroa*²⁹

1SG-muito/CAUS 3-fazer.dep porta

‘Fiz muitas portas

(NICHOLSON, 1976c, p. 39)

Tupinambá

(78) *s-etú pe nde r-ayra?*

3-muito INT 2SG-REL-filho

‘São muitos os seus filhos?’

(LEMOS BARBOSA. 1956, p. 245)

Guarani Mbyá

(79) *avakue nd-Ø-eta-i*

Homem-PL NEG-3- muito NEG

‘Os homens não são muitos’

(DOOLEY, 2013, p. 41)

(80) *Xe-r-o py h-eta okẽ*

1SG-REL-casa em 3-muito porta

‘Na minha casa, as portas são muitas /tem muitas portas

Na próxima seção comentamos sobre a existência dos quantificadores-A em forma de sufixos usados na expressão do indefinido “muitos”.

3.2.3. O sufixos -oho, -usu, -vaipa

Em Asurini, o sufixo aumentativo *-oho* também é usado para expressar a noção de “muitos” no nível lexical. Pode ser atachado a nomes, (81), ou a verbos. Neste último caso, o sufixo pode operar sobre o sujeito intransitivo (82), o objeto, (83) ou o evento (84):

Asurini

(81) *h-ey-s-oho sekwehe h-aro pane*

3-parente-muito EVID 3-esperar em vão

‘**Muitos** parentes esperaram ele em vão’(82) *o-pam-tar-oho rimo ipira ore-r-ewiri*

3-acabar-FUT-muito talvez peixe 1PL-atrá

‘**Muitos** peixes vão morrer atrás de nós’

(TOMKINS, 1976, p. 4)

²⁹ Em (77), *weta* é a forma causativa de *heta*. O prefixo referente à concordância de sujeito é extraído da Série ativa.

- (83) *mokõi raka h-eroro-ho-i o'ia saka pype*
Dois EVID 3-trazer-muito-II farinha saco em
'Ele trouxe **muita farinha** em dois sacos' (SOLLY ROBIN, 1963, p. 20)

- (84) *Soowia o-saa'a-oho*
Soowia 3-chorar-muito
'Soowia **chorou muito**'

Em Tupinambá, o sufixo *-usu* exerce essa mesma função que *-oho* em Asurini. Quando agregado a verbos pode ter escopo sobre os argumentos absolutivos: o sujeito intransitivo (85) ou o objeto, (86):

Tupinambá

- (85) *o-ur-usu*
3-vir-muito
'Vieram **muitos deles**'
- (86) *a-r-ur-usu*
1SG- APL-vir-muito
'Eu trouxe **muitos deles**' (LEMOS BARBOSA, 1956, p. 62)

Em Guarani Mbyá para quantificar sobre o evento e os argumentos absolutivos³⁰ não-contáveis, usa-se o sufixo *vaipa*:

Guarani Mbyá

- (87) *Kyrĩ-gue o-puka-vaipa*
Criança-PL 3-rir-muito
'As crianças **riram muito**'
- (88) *Ore ro-guereko- vaipa mandiokui*
Nós 1PL-ter –muito mandioca
'Nós temos **muita mandioca**'

3.3. O quantificador universal “todos”

No que se refere ao quantificador universal, verifica-se o seguinte quadro: as três línguas fazem uso de quantificadores morfológicamente independentes que apresentam ordem livre, escopo não-seletivo e servem de gatilho para a forma de Indicativo II³¹, podendo ser classificados, então, como advérbios. Esses morfemas não se realizam na forma de predicados verbais e não podem ser sufixados ao verbo, como acontece com as expressões cardinais independentes.

³⁰ Argumentos absolutivos são os sujeitos dos verbos intransitivos e os objetos dos verbos transitivos.

³¹ No Guarani, a forma de Indicativo II desapareceu.

Outro meio de expressar essa noção de quantificação universal é através do sufixo verbal *-pam/pab/pa-* associado ao verbo “acabar/terminar”. Quando sufixado ao verbo, pode atuar como indicador de aspecto completivo. Esse verbo traz na semântica de sua raiz a noção aspectual de completude e de totalidade, conforme sugere Filip (1996). Assim, quando em forma de sufixo pode atuar como um operador com escopo sobre o indivíduo ou sobre o evento.

3.3.1. Função adverbial

(i) “Expressões descontínuas”

Em Asurini, a palavra que corresponde a “todos”³² também ocorre em qualquer posição em relação ao nome que quantifica e aparece em contextos “descontínuos”. Observe-se que o escopo de “todos” é não-seletivo. Em posição final da oração pode quantificar sobre o objeto ou sobre o sujeito transitivo:

Asurini

- (89) *mani' aja raka ya o-tykwan aoseoho*
Mandioca EVID 3-cobrir toda
'A água cobriu **toda a mandioca**' (NICHOLSON, 1976c, p. 15)

- (90) *komanaisi' ia wyje o-manahaj a-ka Urubu pe aoseoho*
Arroz pessoal 3-cortar 3-estar Urubu em todo
Todo o pessoal estava cortando o arroz em Urubu' (NICHOLSON, 1976c, p. 46)

O Tupinambá faz uso da forma independente *opa* associada ao verbo *opab* (“acabar”). Assim como os quantificadores até agora apresentados, *opa* precede ou segue o nome que modifica e ocorre em contextos “descontínuos”:

Tupinambá

- (91a) *opá soó*
Todos bichos
- (91b) *soó opa*
Bicho todo
'**Todos os bichos**' (LEMOS BARBOSA, 1956, p. 242)
- (92) *opá ahé xe sub-i*
Todo ele 1SG-revisitar-II
'Ele **me** revistou **todo**' (LEMOS BARBOSA, 1956, p. 242)

³² Note-se que essa palavra tem em sua morfologia o sufixo *-oho* que também codifica a noção de “muitos”.

Em Guarani, existem duas formas independentes para expressar o quantificador universal: *ha'ejavi* que pode operar sobre nomes de qualquer natureza e *pavẽ*, mais restrito a nomes animados. Assim como nas outras línguas, esses quantificadores não possuem posição fixa na oração e podem se apresentar dissociados dos nomes sob seu escopo:

Guarani Mbyá

- (93a) *há' e javi kyrĩgue o-karu*
 Todas crianças 3-comer
 'Todas as crianças comeram'
- (93b) *kyrĩgue há' e javi o-karu*
 Crianças todas 3-comer
 'Todas as crianças comeram'
- (94) *pavẽ xee a-exa kyrĩgue*
 Todo eu 1SG-ver crianças
 'Eu vi todas as crianças'
- (95) *Ava-kue ka'a re o-va'ẽ pavẽ*
 Homem-PL mata em 3-chegar todos
 'Todos os homens chegaram na mata'

(ii) O escopo de “todos”

Como é possível observar em (89) e (90), em Asurini, *aoseoho* pode ter escopo sobre o objeto ou sobre o sujeito transitivo, respectivamente. Esses quantificadores universais independentes podem ser *não*-seletivos, gerando assim, ambiguidade, como se observa no dados do Guarani Mbyá em (96) em que *ha'ejavi* pode tanto ter escopo sobre o objeto direto quanto sobre o objeto indireto³³:

Guarani Mbyá

- (96) *ha'ejavi a-me'ẽ Ava-kue pe pakova*
 Todos 1SG-dar homem-PL para banana
 (a) 'Eu dei bananas para todos os homens'
 (b) 'Eu dei todas as bananas para os homens'

(iii) Gatilho para o Indicativo II

Em Asurini e Tupinambá, o quantificador universal também serve de gatilho para a forma de Indicativo II, quando ocorre à esquerda da oração. Essa propriedade é mais uma evidência de que

³³ Não encontramos evidências para afirmar ou não se os quantificadores universais independentes podem ter escopo sobre o evento verbal.

tais expressões têm natureza adverbial e não fazem parte dos NPs cujos núcleos quantificam. Note-se que em (99), mesmo estando contíguo ao nome, o quantificador “todos” não forma com este um NP porque, como engatilha o Indiocativo II, se encontra em um sintagma diferente de “meninos”. Assumimos que se encontra, neste caso, em [Spec, FocP]:

Asurini

(97) *aoseoho sekwehe i-tow-i yoa*
 Todos EVID 3-deitar-II homem
 ‘**Todos os homens** deitaram’ (SOLLY ROBIN, 1963, p. 40)

(98) *aoseoho raka i-sejenar-i ore-rewiri*
 Todo EVID 3-cantar-II 1PL-em volta
 ‘**Todos eles** cantaram em volta de nós’ (SOLLY ROBIN, 1963, p. 20)

Tupinambá

(99) *opá kunumi r-eõ-û*
 Todo menino REL-morrer-II
 ‘**Todos os meninos** morreram’ (LEMOS BARBOSA, 1956, p. 242)

(100) *opa Téó îandé mondyk-i*
 Todo morte nós destruir-II
 ‘A morte destrói **todos nós**’ (LEMOS BARBOSA, 1956, p. 243)

Uma evidência de que *opa* em Tupinambá se encontra na periferia esquerda da oração vem do fato de que precede a partícula interrogativa que é gerada no núcleo de FocP:

Tupinambá

(101) *opá pe s-eõ-û?*
 Todo NTER 3-morrer-II
 ‘Morreram **todos eles?**’
 (Lit. ‘Foram todos eles que morreram?’) (LEMOS BARBOSA, 1956, p. 242)

Com base no comportamento desses quantificadores, é possível afirmar que eles pertencem à classe dos advérbios: têm ordem livre, escopo não-seletivo e engatilham a forma de Indicativo II.

3.3.2. O sufixo verbal “todos”

O sufixo verbal que expressa o quantificador universal “todos” está relacionado ao verbo “acabar” nas três línguas investigadas. Este verbo pode ocorrer independente e pode aparecer sufixado a outro, indicando aspecto completivo:

Asurini

- (102) *o-pam ipira*
3-acabar peixe
'Acabaram-se os peixes' (CABRAL; RODRIGUES, 2003, p. 180)
- (103) *o-see-pam*
3-falar-acabar
'Acabou de falar'

Guarani Mbyá

- (104) *oo o-pa-ma ramo*
Casa 3-acabar-já depois
'Depois que terminar a casa...' (DOOLEY, 2013, p. 139)
- (105) *a-japo-pa ma oo*
1SG-fazer-pa já casa
'Já terminei de fazer a casa' (DOOLEY, 2013, p. 139)

Sufixado ao verbo, esse quantificador pode ter escopo sobre os argumentos absolutivos ou sobre o verbo.

(i) Escopo absolutivo

Esse sufixo pode quantificar o sujeito intransitivo (106), o objeto direto (107), mas não o sujeito transitivo, como se pode observar nos exemplos do Asurini:

Asurini

- (106) *Toria raka a-a-pam sene-ropi somiapayña pype*
Civilizado EVID 3-ir-todo 1PL-com barco em
'**Todos os brasileiros** foram conosco no barco' (NICHOLSON, 1976, p. 28)
- (107) *o-eraa-pam ma'esiroa toria*
3-levar-todo coisa civilizado
'Os brasileiros levaram **todas as coisas**' (SOLLY ROBIN, 1963, p. 37)
'* **Todos os brasileiros** levaram as coisas'

Esse mesmo tipo de quantificador sufixal é observado em Tupinambá e também tem o escopo limitado aos argumentos absolutivos, o sujeito intransitivo (108) e o objeto (109):

Tupinambá

- (108) *o-bobok-pab ygasaba*
3- rachar-todo talha
'Racharam-se **todas as talhas**'
- (109) *oro-î-moîaok-pab tembiú*
1PL-3-repartir –todo comida
'Repartiram **toda a comida**' (LEMONS BARBOSA, 1956, p. 242)

(110) abaixo mostra que as duas formas do quantificador, independente e dependente, podem ser empregadas para quantificar o objeto, sem diferenças de significado:

Tupinambá

- (110a) *opa a-ra-só*
Todo 1SG-APL-ir
'Levei **todos**'
- (110b) *a-ra-só-pab*
1SG-APL-ir –todo
'Levei **todos**'

Na língua Guarani Mbyá, o escopo desse quantificador sufixal também recai sobre os argumentos absolutivos:

Guarani Mbyá

- (111) *Kyrĩ-gue o-‘ a-pa ikua py*
Criança-PL 3-cair-todo buraco em
'**Todas as crianças** caíram no buraco'
- (112) *Xee a-japo-pa ajaka*
Eu 1SG-fazer-todo cesta
'Eu fiz **todas as cestas**'

O escopo de *pa* não pode recair sobre o sujeito transitivo. Neste caso, emprega-se a forma independente do quantificador universal, (114):

Guarani Mbyá

- (113) *kyrĩ-gue o-²u-pa pakova*
Criança-PL 3-comer-toda
'As crianças comeram **todas as bananas**'
'* **Todas as crianças** comeram bananas'

- (114) *Pavẽ kyrĩ-gue o-ʔu pakova*
 Todas criança-PL 3-comer banana
 ‘**Todas as crianças** comeram bananas’

(ii) Restrições de escopo sobre o sujeito intransitivo

Observou-se em Guarani Mbyá, porém, que *pa* parece poder ter escopo sobre os sujeitos de certos verbos intransitivos, como os de mudança de estado e de local, mas não sobre os sujeitos de certos verbos intransitivos de atividade³⁴:

Guarani Mbyá

- (115) *Pira o-mano-mba*
 Peixe-3-morrer-todo
 ‘**Todos os peixes** morreram’.
- (116) *Kunhague o-o -pa*
 Mulher-PL 3-ir -todo
 ‘**Todas as mulheres** foram embora’.
- (117) *Huixa-kuery o-pita-pa*
 Chefe-PL 3-fumar-todo
 ‘* **Todos os chefes** fumaram’

Para quantificar os sujeitos desses verbos de atividade, emprega-se a forma independente:

Guarani Mbyá

- (118) *Pavẽ huixa-kuery o-pita*
 Todos chefe-PL 3-fumar
 ‘**Todos os chefes** fumaram’

Vieira (2013) aventou a hipótese de que essa restrição de escopo sobre os sujeitos intransitivos poderia estar relacionada à diferença entre verbos inacusativos e inergativos da língua. Contudo, essa é uma hipótese que, apesar de parecer plausível, ainda precisa ser investigada com maior acuidade.

(iii) Escopo sobre o evento ou estado

O sufixo *-pa* em Guarani Mbyá com alguns verbos intransitivos de atividade pode funcionar como um marcador de aspecto completivo ou um quantificador do evento. Compare (117) com (119) abaixo:

³⁴ *-pa* se realiza como *-mba* em ambiente nasal.

Guarani Mbyá

(119a) *avakue o-pita-pa*

Homem 3-fumar-pa

‘Os homens **acabaram de fumar**’(119b) *a-javy-pa*

1SG-errar-pa

‘Errei completamente’ (DOOLEY, 2013a, p. 139)

Com os verbos intransitivos não-ativos a leitura quantificacional obtida com a presença de *-pa* recai sempre sobre o predicado e não sobre o sujeito:

Guarani Mbyá

(120) *Yvoty xiĩ-mba*

Flor branca-toda

‘A flor é toda branca’

‘* Todas as flores são brancas’

(121) *Kunha i-porã-mba*

Mulher 3-bonita-toda

‘A mulher é toda bonita’

‘* Todas as mulheres são bonitas’

(122) *karo ovy-pa*

Copo verde-toda

‘O copo é todo verde’

‘* Todos os copos são verdes’

Considerações finais

Nesta exposição, mostramos que os quantificadores empregados para expressar as noções de cardinalidade e de quantificação universal são do tipo adverbial (quantificadores-A) em Asurini do Trocará, Tupinambá e Guarani Mbyá. O escopo desses quantificadores é não-seletivo e pode recair sobre indivíduos ou sobre eventos.

Muitas línguas geneticamente não relacionadas também fazem uso de quantificadores-A para quantificar NPs, como é o caso de Warlpiri, Mayali, Mohawk e *American Sign Language*, dentre outras.

Para justificar o emprego de quantificadores-A em detrimento de quantificadores-D nas línguas aqui observadas, podemos sugerir como hipótese inicial, seguindo Bittner e Hale (1995) para o Warlpiri, a ausência de um sistema de determinantes. Para confirmar ou refutar tal hipótese se faz necessário realizar, antes de tudo, um estudo mais aprofundado sobre a constituição funcional interna

dos sintagmas nominais dessas línguas. Porém, não há evidências robustas nos dados observados para classificar algum elemento como pertencente à classe dos determinantes

Em Asurini, por exemplo, existe um quantificador indefinido que se traduz como “outro/a” em Português. Trata-se do item lexical *amote*. Essa expressão pode também preceder ou seguir o nome que modifica e ocorrer como “expressão descontínua”, assim como os outros quantificadores até agora apresentados:

Asurini

- (123a) *Toria amote*
 Brasileiro outro
 ‘Outro brasileiro’ (NICHOLSON, 1976b, p. 28)
- (123b) *amote akwawa*
 Outro índio
 ‘Outro índio’ (SOLLY ROBIN, 1963, p. 37)
- (124) *amote raka o-soka i-sohi wyje tapi’ira*
 outro EVID 3-matar 3-de pessoal anta
 ‘**Outro pessoal** matou a anta dele’ (NICHOLSON, 1976c, p. 39)

Amote pode provocar ambiguidade, conforme indicam as traduções abaixo derivadas de possíveis coindexações com os nomes presentes na construção:

Asurini

- (125) *amote ne-r-eron toria somiapapyña pe*
 Outro 2SG-REL-trazer brasileiro barco em
 (a) ‘**Outro brasileiro** trouxe você em um barco’ (NICHOLSON, 1976b, p. 38)
 (b) ‘O brasileiro trouxe você em **outro barco**’ (NICHOLSON, 1976c, p. 42)

Esse indefinido, porém, não engatilha a forma verbal de Indicativo II e não ocorre sufixado ao verbo. Tal fato parece indicar que não se trata de um advérbio. Então, qual seria o estatuto categorial de *amote*? Seria um determinante? O problema de tratar tal expressão como um determinante vem da sua ordem livre e de seu escopo não ser fixado a um nome específico, como nos mostra o exemplo acima. Em Vieira (1995), *amote* foi analisado como sendo um nome porque pode ocupar a posição de possuidor no sintagma genitivo, (126). Sendo assim, teríamos nos casos acima retrados, como em (124) e (125), dois nomes em aposição: o quantificador e o nome com o qual se combina:

Asurini

- (126) *amote-r-atyá*
 outro-REL-esposa
 ‘A esposa do outro’

Essa proposta de análise parece plausível, visto que em Warlpiri as expressões quantitativas se realizam como nomes. Então, além de verbos e advérbios, nomes também poderiam expressar noções quantitativas nessas línguas. Como se vê, há muito ainda a ser explorado na área da quantificação nas línguas da família Tupi-Guarani.

Outra questão que precisa ser melhor investigada está relacionada ao escopo de *-pa* em Guarani Mbyá. É preciso responder a questões como: (i) quais são os verbos intransitivos cujos sujeitos não podem ser quantificados pelo sufixo? (ii) por que com verbos não-ativos a quantificação se limita exclusivamente ao predicado?

Talvez para ajudar nesse tipo de investigação será preciso incluir também dados referentes à sufixação dos numerais aos verbos. Com base em um breve teste de aceitabilidade aplicado com um falante nativo do Guarani Mbyá, obtivemos os seguintes resultados em que o numeral pode quantificar sobre o sujeito de um verbo de mudança de estado, mas não sobre o sujeito de um verbo de atividade:

Guarani Mbyá

- (127) *o-mano-mokõi-ta ava-kue*
 3-morrer-dois-FUT homem-PL
 ‘Morrerão dois homens’
- (128) **o-pita-mokõi-ta ava-kue*
 3-fumar-dois-FUT homem-PL
 ‘Fumarão dois homens’

Com o propósito de resolver tais questões, é preciso investigar a derivação de cada tipo de verbo, levando em conta em que local acontece o *merge* dos argumentos e o ponto de inserção do sufixo, à luz dos pressupostos da Morfologia Distribuída.

Para finalizar, não se pode deixar de mencionar a questão da mudança de categoria verificada com as expressões cardinais aqui descritas. Tanto os numerais quanto o indefinido “muitos” podem ocorrer como advérbios ou como verbos. Sugerimos que essa mudança categorial tem a ver com o fato de as raízes lexicais serem neutras em termos de categorização e poderem mudar de classe, dependendo do contexto funcional em que ocorrem. Essa é uma proposta baseada na Morfologia Distribuída (MARANTZ, 1997; SIDDIQ, 2009). Note-se que, em Asurini, por exemplo, o numeral “dois” pode ocorrer como verbo, nome ou advérbio. Somente o nominalizador é expresso fonologicamente. Essa possibilidade de categorizações diferentes para a mesma raiz é comum também nos dados das outras línguas da família:

Asurini

- (129a) *mokõi-Ø-ta* *-verbo*
 Duas -VBL-FUT
 ‘Serão duas/dois’ $[[\sqrt{\text{mokõi-}}]v]$

- (129b) *mokõi-a* -*nome*
 Duas-NMLZ
 ‘As duas’ [[$\sqrt{\text{mokõi-}}$]n]
- (129c) *mokõi –Ø* -*advérbio*
 Duas-ADVLZ
 ‘Duas vezes’ [[$\sqrt{\text{mokõi-}}$]adv]

Vemos que ainda há muito a ser investigado no campo da quantificação das línguas da família Tupi-Guarani. Contudo, o nosso objetivo aqui parece ter sido alcançado, posto que trouxe à tona dados importantes não só para a descrição e análise dessas línguas, mas também para os estudos voltados para a expressão da quantificação nas línguas naturais.

Referências

- BACH, E. *et al.* (eds.) *Quantification in Natural Languages*. Dordrecht, The Netherlands: Kluwer, 1995.
- BITTNER, M.; HALE, K. Remarks on definiteness in Warlpiri. In: E. BACH, E. JELINEK, E.; KRATZER, A.; PARTEE, B. H (eds.), *Quantification in Natural Languages*. Dordrecht, The Netherlands: Kluwer, 1995.
- CABRAL, A. S.; RODRIGUES, A. D. *Dicionário da Língua Asurini do Tocantins*. Belém: UFPA/IFNOPAP, UnB/IL/LALI, 2003.
- DOOLEY, R.A. *Léxico Guarani. Dialeto Mbyá*. Brasília, SIL, 2013.
- EVANS, N. A-Quantifiers and Scope in Mayali. In: E. BACH *et al.* (eds.), *Quantification in Natural Languages*. Dordrecht, The Netherlands: Kluwer, 1995.
- FALTZ, L. M. Towards a Typology of Natural Logic. In: E. BACH *et al.* (eds.), *Quantification in Natural Languages*. Dordrecht, The Netherlands: Kluwer, 1995.
- FILIP, H. Quantification, Aspect and the Lexicon. In: GEERT-JAN, K.; G. MORRILL; D. OEHRLE (eds.). *Proceedings of Formal Grammar: Eighth European Summer School in Logic, Language and Information*, Prague, 1996.
- JELINEK, E. Case and configurationality. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 2, 1984.
- JELINEK, E. Languages without determiners. In: *Proceeding of the 19th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics*, 1993.
- JELINEK, E. Quantification in Straits Salish. In: E. BACH *et al.* (eds.), *Quantification in Natural Languages*, Dordrecht: Kluwer, 1995.
- LEMOS BARBOSA, Pe A. *Curso de Tupi Antigo*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.
- LISKOVA, E. I. *Universal Quantification in the Nominal Domain in ASL*. Tese de doutorado. Austin: Universidade do Texas, 2017.

- NICHOLSON, V. *Relatório sobre pesquisa dialetal Asurini/Parakanã*. Brasília, SIL, 1975a.
- NICHOLSON, V. *Initiating and Non-Initiating Verbs in Asurini*, Brasília: SIL, 1975b.
- NICHOLSON, V. *Dicionários por tópicos*. Brasília: SIL, 1976a.
- NICHOLSON, V. *6 Textos na língua Asurini*. Brasília: SIL, 1976b.
- NICHOLSON, V. *Textos Asurini: 25 histórias, 7 mitos*. Arquivo Lingüístico, 15. Brasília: SIL, 1976c.
- NICHOLSON, V. *Aspectos da Língua Assurini*. Brasília: SIL, 1978.
- PARTEE, B. H.; BACH, E.; KRATZER, A. (eds.) *Quantification: A Cross- Linguistic Perspective*. Amherst: Universidade de Massachusetts, 1987.
- PARTEE, B. H. Quantificational Structures and Compositionality. In: E. BACH *et al.* (eds.), *Quantification in Natural Languages*, Dordrecht: Kluwer, 1995.
- RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (org). *Elements of Grammar Handbook of Generative Syntax*. Kluwer: Dordrecht, 1997.
- RIZZI, L. Locality and Left Periphery. In: A. BELLETTI (ed.), *Structures and beyond: cartography of syntactic structures*. Oxford: Oxford University Press, v. 2, 2004.
- SIDDIQ, D. *Syntax within Word*. Filadélfia: John Benjamins, 2009.
- SOLLY, R. *40 textos coletados do Asurini*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1963.
- TOMKINS, A. *37 textos Asurini*. Brasília: SIL, 1976.
- VIEIRA, M. M.D. *O fenômeno da configuracionalidade na língua Asurini do Trocará: um problema da projeção dos argumentos verbais*. Tese de doutorado. Campinas: IEL/UNICAMP, 1993.
- VIEIRA, M. M. D. The Expression of Quantification Notions in Asurinido Trocara: Evidence against the Universality of Determiner Quantification. In: E. BACH *et al.* (eds.), *Quantification in Natural Languages*. Dordrecht: Kluwer, 1995.
- VIEIRA, M. M. D. A busca por diagnósticos para identificar verbos inacusativos e inergativos em Guarani. Teresina, *Revista FSA*, v. 10, 2013.
- VIEIRA, M. M.D. A manifestação de tópico e foco em Línguas da Família Tupi-Guarani. *D.E.L.T.A.*, 30, especial, 2014.